

OS CAMINHOS DA LEITURA EM CASA DE PENSÃO, DE ALUÍSIO AZEVEDO

Joselaine Brondani Medeiros*

Resumo: *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo, apresenta muitas personagens leitoras. Amâncio vem para a capital e mora na pensão de Brizard. Lá ele entra em contato com Amélia e Lúcia. Na obra, é representada uma sociedade fraudulenta, mesquinha e com muita corrupção. Amâncio acaba conhecendo não só as personagens e as leituras realizadas no século XIX, como também a estrutura social, cuja característica principal é alcançar poder a qualquer custo.

Palavras-chave: Leitura; poder; sociedade.

■ Como afirma Chartier (1998), toda história da leitura supõe um leitor, que produz significados, que tem liberdade para deslocar e subverter aquilo que o livro pretende lhe impor como verdade absoluta. Nas belas palavras de Michel de Certeau (1998, p. 77): “[...] o leitor é um caçador que percorre terras alheias”. À medida que ele adentra o universo da leitura, descobre caminhos para revisitar a história, para refletir sobre acontecimentos sociais e políticos e para buscar a si mesmo, reconhecer-se e, até mesmo, amadurecer. As terras podem ser estranhas, fantásticas, pedregosas, longínquas, mas os atalhos podem levar à compreensão da realidade do leitor.

A partir da leitura, é inevitável que o leitor se valha da sua bagagem cultural, dos seus conhecimentos de mundo, das suas outras leituras e dos seus olhares sobre os acontecimentos que o rodeiam. Ele acaba remetendo o texto a algo que já lhe é familiar, que tem uma referência, possibilitando, assim, uma melhor construção do significado.

* Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

Além disso, o leitor tem a possibilidade de preencher os vazios, as entrelinhas, os pontos de indeterminação ou as partes mutiladas, dando um sentido mais subjetivo ao texto e construindo as suas próprias pontes. Para Mikhail Bakhtin (1990), a primeira condição da intertextualidade é que as obras se deem por inacabadas, isto é, que peçam para ter continuidade: “O ato de ler é, portanto, um processo de tentativa de vincular a estrutura oscilante do texto a algum sentido específico” (ISER, 1999, p. 9).

Em contrapartida, o leitor deve ter consciência de que essa liberdade é cercada de limitações, “derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura” (CHARTIER, 1998, p. 77). Iser (1999), ao tratar da tênue relação entre o leitor e a obra literária, também acredita que o texto pode perder a sua identidade ou desintegrar-se caso o leitor o interprete de modo arbitrário.

Em meio a esses questionamentos, que não se excluem, mas, sim, complementam-se, ressalta-se, tendo em vista os argumentos expostos por Regina Zilberman (1989), na obra *Estética da recepção e história da literatura*, que o leitor é peça fundamental para pensar o processo literário. A estética da recepção restituiu ao leitor um papel ativo na concretização sucessiva do sentido das obras ao longo da história. O leitor, de certa forma, atualiza a obra, traz para o presente ou revive o passado, tendo os olhos voltados para o presente.

Nesse estudo, a professora aborda, baseando-se em Jauss, a questão da historicidade da obra, visto que esse teórico chamava a atenção para a capacidade de a obra dialogar com o público com o qual ela circula. Isso é importante porque comprova o caráter emancipatório da obra, pois ela se molda às possibilidades de recepção do destinatário. Zilberman (1989, p. 19) ainda se reporta ao estruturalismo checo. Nesse caso, vale destacar o efeito de estranhamento provocado pela obra de arte, que possui qualidade quando mobiliza “vários artificios, visando motivar um choque no destinatário”. Assim, segundo a autora, ao analisar essa corrente, quando há uma relação tensa entre o sujeito da percepção e o objeto estético, a obra é vista como de valor. O choque estilhaça o pensamento do leitor, fazendo que ele tenha que colar os seus cacos e, nesse processo, reorganizar, amadurecer e refletir mais sobre a sua vivência e a sua realidade.

Complementando tais pressupostos, busca-se aporte na sociologia da leitura e/ou da literatura, uma vez que a valoração de uma obra está ligada à representação de aspectos sociais. Escarpit (1971) recupera a evolução social da literatura, discutindo questões como a invenção da imprensa, o desenvolvimento da indústria do livro, a diminuição do analfabetismo e o surgimento da indústria de massa. Essa evolução alcança o século XIX, quando há maior consciência da dimensão social da obra literária.

Antonio Candido (2000, p. 4) também trata da questão do imbricamento entre os valores estéticos e questões sociais, mostrando que deve haver um equilíbrio entre forma e conteúdo:

[...] antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que sua im-

portância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.

O leitor, no ato da leitura, compromete-se por inteiro, tanto nos seus aspectos individuais quanto nos coletivos. O contexto é importante quando se adentra a obra literária e não se deve estudá-la de forma imanentista. O autor, muitas vezes, interioriza o contexto em suas obras. O leitor deve ter consciência disso e, ao mesmo tempo, pensar no seu contexto, pois o Brasil foi formado mantendo os mesmos traços de dominação, autoritarismo e estruturas de poder, no qual os de cima manipulam e dominam os de baixo. Desde o começo, as disparidades, as desigualdades e as contradições figuram como pontos nevrálgicos das relações, dos processos e das estruturas de dominação política e de apropriação econômica, que traduzem a sociabilidade burguesa. A classe dominante recorre “reiteradamente a formas tirânicas de dominação de classe e de organização do poder” (FERNANDES, 1980, p. 63).

Sob esse prisma, a obra *Casa de pensão*, de Aluísio Azevedo apresenta dimensões sociais, pela presença de referências a lugares, modas, costumes e a cenas de leituras. Mas o mais importante é o desmascaramento das convenções sociais, por mostrar uma sociedade corrompida, cuja mola propulsora é o capital. A sociedade é desnudada, sobressaindo as estruturas de poder; e Aluísio Azevedo é bastante crítico ao trazer à tona os problemas sociais e as personagens sem máscaras, revelando os sentimentos mais recônditos. Na obra, não só o externo fica latente, como também o interno, porque há construção artística: há uma tensão, à medida que as personagens são descritas, e suas atitudes, reveladas.

Amâncio, a personagem principal da obra, era um jovem interiorano que vai para o Rio de Janeiro a fim de estudar medicina. O Rio de Janeiro, nessa época, era considerado a Paris brasileira, porque tinha uma vida noturna agitada, luxo, movimento e festas. Todo jovem criado no interior, como Amâncio, almejava estudar na Corte e viver em liberdade. Essa visão da cidade vinha das suas leituras, sobretudo de Alexandre Dumas e Paulo de Kock.

Após ir morar na pensão de João Coqueiro e Madame Brizard, Amâncio conheceu Amélia, sobrinha de Coqueiro, e Lúcia, pensionista. As duas, interessadas na sua fortuna, tentaram conquistar o interiorano. Amélia era boa dona de casa, sabia bordar, costurar, cozinhar, estando preparada para o casamento: “[...] ardia, com efeito, por achar marido, por se tornar dona-de-casa” (AZEVEDO, 1979, p. 56).

Ela não se interessava por leituras mais cultas, seguindo o protótipo das moças de boa família, aparentemente comportadas, cujo principal objetivo era ser boas esposas e boas mães. Era virgem, porém se entregara a Amâncio, exigindo casamento. Como Amâncio não queria casar, comprava-a com roupas novas, joias, com uma casa e com os pagamentos das despesas da família da moça. Assim, ela continuava cedendo o seu corpo em troca de bens materiais. A concepção da época era a de que a mulher nascera para o matrimônio e tinha

que primeiro aceitar, de modo submisso, as ordens do pai e, depois, as do marido. Segundo o apóstolo Paulo, o homem devia amar a sua esposa e, para isso, usava-se *diligite*, no sentido de que os maridos são convidados a amar a esposa. Quanto às mulheres, são convidadas a ser submissas: *Subditae*. Desse modo, “[...] a submissão aparece como a expressão feminina do amor conjugal” (ARIËS, 1987, p. 158).

A maioria das personagens dessa obra de Aluísio Azevedo está acorrentada pelo mesmo elemento: o dinheiro. Amâncio era o único que possuía bens, porém, na Corte, deparou com o processo de degradação, de perda e de reificação. Coqueiro, Madame Brizard, Amélia, Lúcia, Paiva e tantos outros amigos só se aproximaram do provinciano com o objetivo de extorquir-lhe dinheiro. As amizades, o carinho e o amor somente eram conseguidos à base de dinheiro. No século XIX, há uma vitória da industrialização e do capitalismo, o que resulta em uma sociedade cuja lei é a de que tudo se compra, tudo se vende e tudo tem o seu preço.

A reificação é total após a morte de Amâncio. Ele foi morto por Coqueiro, que o acusou de seduzir sua sobrinha, Amélia. Muitos curiosos visitaram o necrotério para ver o cadáver de Amâncio, como se ele fosse um objeto de exposição. A notícia circulou, e o interiorano teve os seus “quinze minutos de fama”. Em decorrência disso, o morto acabou rendendo lucros mesmo após a sua morte, porque se tornara definitivamente uma mercadoria: o seu nome estava estampado em chapéus, bengalas e gravatas.

Isso ratifica com as características do naturalismo, que tenta representar a sociedade de modo mais objetivo possível. A condição humana está presa ao ambiente social em que se desenvolve ou posteriormente se insere. Aparentemente, a pensão, onde se ambienta o romance, era familiar, mas as sombras da noite escamoteavam a perversão e a hipocrisia. O próprio nome “casa de pensão” suscita venda: de carinho, de cuidados, de amizades, pois guarda relações familiares, desencadeadas mediante pagamento. Na casa de pensão de João Coqueiro, predominava a impessoalidade: eram homens e mulheres estranhos, convivendo e compartilhando intimidades, desejos, sexo. Como num pequeno cortiço, havia promiscuidade, apesar da moralidade, falsa, pregada pelo proprietário da pensão.

A obra *Casa de pensão* tem tom documental, porque foi inspirada em um caso verídico: a questão Capistrano, crime que sensibilizou o Rio de Janeiro em 1876/1877. Raimundo Menezes (s. d.) comenta, na sua obra, que o caso envolveu dois jovens estudantes da escola Politécnica: João Capistrano da Cunha e Antônio Alexandre Pereira. A mãe de Alexandre era viúva e possuía poucos recursos para sustentar a família. A solução foi montar uma casa de pensão para continuar dando estudo ao filho. Os primeiros pensionistas foram os dois amigos de Alexandre: Mariano Torres e João Capistrano da Cunha. Com o convívio diário, nasceu o namoro entre Capistrano e a irmã de Alexandre, cujo nome era Júlia. O desenlace é fatídico, pois ela foi violentada por Capistrano, causando muita revolta em Alexandre, que matou o amigo com cinco tiros.

Outra característica naturalista, o ângulo patológico, está presente na obra. Em Amâncio, sobressai o seu desejo sexual, condicionado pelo ambiente da casa de pensão. Madame Brizard e Coqueiro se apresentam como gananciosos e sem escrúpulos. Nini, filha de Brizard, sofre de crises agudas de loucura histórica. Lúcia e Amélia disputam o dinheiro de Amâncio e vendem os seus cari-

nhos. A própria dona Hortênsia, mulher do Campos, manifesta sinais de insatisfação sexual, pois, apesar das negativas iniciais, sente desejo de se entregar a Amâncio.

A relação entre meio *versus* homem tem em Amâncio um forte exemplo, uma vez que, desde a infância, no Maranhão, há um condicionamento social e psicológico. Ele conviveu com a violência, com a insegurança e com o medo, sendo esses os pilares de sua formação. O pai, Vasconcelos, era um português antigo e severo, “desses que confundem o respeito com o terror” (AZEVEDO, 1979, p. 19). Quando entrou na escola, com sete anos, o professor Antônio Pires lembrava o seu pai, porque batia nos alunos por gosto: “Na aula só falava a berrar, como se dirigisse a uma boiada [...]. Nele enxergavam o carrasco, o tirano, o inimigo e não o mestre” (AZEVEDO, 1979, p. 19). O autoritarismo do pai e do professor colaborou para a formação de Amâncio, que se tornou um jovem frio, calculista e dissimulado:

Desde logo habituou-se a fazer uma falsa idéia de seus semelhantes; julgou os homens por seu pai, seu professor e seus condiscípulos. – E abominou-os. [...] Principiou a desconfiar de todos, a prevenir-se contra tudo, a disfarçar, a fingir que era o que exigiam brutalmente que fosse (AZEVEDO, 1979, p. 21).

Nesse contexto familiar e interiorano, Amâncio tinha contato com os livros, tanto que lia poesias byronianas e escrevia à moda de Álvares de Azevedo. Também lia Gautier, Musset, Lamartine, e imaginava o Rio de Janeiro como Paris, cheia de luzes, brilhos, festas e amores proibidos. O Rio de Janeiro significava, para ele, a fuga do passado e do pai ditador.

Na Corte, as cenas de leitura são constantes. Amâncio continuou apegado aos livros, sobretudo no período que ficou na casa Hortênsia, leitora de folhetins e de romances franceses. Nesse ambiente urbano, enfatiza-se, sobretudo, a leitura feminina. Na pensão, Madame Brizard, mulher de Coqueiro, gostava de exibir os seus conhecimentos literários, lendo muitas obras românticas: “[...] dava-se a leitura prolongada de poetas tristes” (AZEVEDO, 1979, p. 50). Além disso, “Lamartine lá estava no quarto dela, sobre o velador, encadernado com esmero. Mas não desdenhava os poetas brasileiros e lia Camões” (AZEVEDO, 1979, p. 51).

O jovem rico, após a mudança para a pensão, conviveu com mulheres leitoras, que abeberavam de determinados autores e, até mesmo, formavam suas personalidades e seus pontos de vista. Nas reuniões, durante as refeições, alguns hóspedes discutiam questões literárias: João Coqueiro escrevia poemas e, exaltado, dizia que, na “geração moderna”, os escritores eram arrogantes e bestas; Lúcia, esposa de Pereira, discordava e defendia alguns nomes; Madame Brizard também intervinha nas conversas e, muitas vezes, censurava o marido.

Lúcia era conhecedora não só da literatura francesa, como também da brasileira. Ela e Amâncio, entre troca de olhares, falavam sobre Théophile Gautier, Theodore de Banville e Charles Baudelaire. Com a urbanização, que nada mais foi do que a cópia dos modelos e costumes europeus, o Rio de Janeiro passou a ser o “lugar da moda”, ditando um padrão de comportamento. Há um afrancesamento das elites brasileiras que passam a vestir-se de acordo com a moda francesa e ler romances de autores franceses, bem como eram lidos folhetins e romances vindos diretamente da França.

Amâncio e Lúcia discutiam sobre esses autores, porém não deixavam de lado autores brasileiros e portugueses. Lúcia queria ler autores maranhenses,

e Amâncio recomendou: “*Entre o Céu e a Terra* de Flávio Reymar” (AZEVEDO, 1979, p. 68). Também citaram Franco de Sá e Dias Carneiro. Nesse ponto, Azevedo, em sua obra, valoriza a literatura regional, expressa por intermédio de escritores maranhenses, e a nacional. Em vários momentos, as personagens aparecem em cenas de leitura, destacando-se escritores brasileiros, como José de Alencar; poetas, como Álvares de Azevedo, Fagundes Varela; compositores, como Carlos Gomes.

Durante a doença de Amâncio, que, primeiramente, pegara bexigas e, depois, sofrera de dores reumáticas, Amélia e Lúcia disputavam a atenção do doente e se redobravam em cuidados. As duas faziam intrigas com o intuito de conquistar o rapaz. Nesses dias de convalescença, Amâncio ficava estendido na cama “a reler um esfacelado volume de Alencar” (AZEVEDO, 1979, p. 113). O volume estava esfacelado, demonstrando que já havia sido lido muitas vezes. Com isso, há valorização da literatura nacional, já que os românticos eram lidos no século XIX, época em que o naturalismo estava em voga. É interessante observar que, mesmo a obra sendo naturalista, há seguidamente destaque para poetas parnasianos e escritores românticos.

Com relação às leituras presentes em *Casa de pensão*, percebe-se que as personagens liam, sobretudo, os autores franceses. As mulheres, ao mesmo tempo que almejavam ser donas de casa e arrumar um “bom” casamento, deixavam-se fascinar pela leitura, vivendo, muitas vezes, situações semelhantes a das protagonistas ou antagonistas dos romances lidos.

Hortênsia, esposa de Campos, sentia-se atraída por Amâncio. No entanto, seus desejos não foram concretizados. Após a decepção amorosa, começou a se espelhar em obras com finais tristes e melancólicos: “Um desgosto mofino apoderou-se dela; ficou insociável e muito triste; entregou-se a longas leituras místicas, acompanhando com interesse amores infelizes, lentos martírios da alma, que só terminavam no esquecimento da morte ou do claustro” (AZEVEDO, 1979, p. 180). As leituras revelavam, desse modo, o seu estado de espírito. Acontece uma identificação, e a leitura “favorece o mergulho de um sujeito no interior da identidade do outro, amalgamando-os, durante seu decorrer, num único ser” (ZILBERMAN, 2001, p. 49-50).

Já Lúcia e Madame Brizard liam preferentemente os autores franceses. Há uma espécie de erotização da leitura relacionada ao mundo feminino, visto que há a descoberta do desejo e da sexualidade feminina. Ambas transgridem a ordem natural, ou seja, a de que tudo na mulher “vem da natureza e por natureza que está destinada a ser mãe. Seu espaço é a casa” (CHAUÍ, 1991, p. 135). As mulheres representadas na obra são vistas de um ponto de vista negativo, porque são frívolas e interesseiras. Simão, amigo de Amâncio, dizia que para conquistar as mulheres bastavam quatro coisas: “audácia, boas relações, um pouco de inteligência e não ser seu marido!” (AZEVEDO, 1979, p. 84). Apesar de a obra mostrar a mulher sob aspectos negativos, sendo ávida por bens materiais, falsa e dissimulada, há, em contrapartida, uma evolução feminina, uma vez que ela lê e discute assuntos políticos, sociais e literários com os homens de igual para igual.

A partir das leituras, estabelece-se uma comunicação entre o texto e o leitor, tanto que essa influência recíproca é descrita como interação. Os vazios deixados pela obra são preenchidos pelo leitor, que, sabendo das leituras realizadas pelas personagens, decodifica as ações e representações delas. A participação do leitor acaba chegando ao ponto de ser “convidado a integrar-se no processo

de constituição da obra, particularizando o processo de entendimento dela” (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

Assim, pode-se pensar, partindo da inter-relação obra, leituras e personagens, que há a mulher romântica, como Hortênsia, que se reconhece por meio das moçoilas sonhadoras e/ou sofridas do período romântico; há a mulher, como Amélia, que não vê a leitura como um atrativo e se ocupa de achar um marido, como forma de se dar bem na vida; há mulher esperta e dissimulada, como Brizard e Lúcia, que usam a sua cultura com o objetivo de manter um determinado *status* e alcançar seus objetivos financeiros.

As personagens masculinas também têm envolvimento com a leitura. Elas constantemente aparecem em cenas lendo ou comentando sobre autores lidos século XIX. Amâncio tinha predileção pelos escritores Alexandre Dumas, autor de *Dama das Camélias*, e Paulo de Kock. Campos era um leitor assíduo, destacando autores, como Guilherme Luís Figuiier, Camilo Flammarion e Julio Verne. João Coqueiro, mesmo sendo menos culto, gostava de escrever poemas. Na verdade, Coqueiro era um poeta frustrado, porque não conseguia sucesso com seus poemas medíocres.

Também a escrita aparece por meio das cartas: Lúcia escrevia bilhetes amorosos para Amâncio; Amâncio escrevia cartas para a mãe, dona Ângela, e para Hortênsia; Ângela escrevia para o filho; Vasconcelos escrevia para Campos. De uma forma ou de outra, as personagens, no cotidiano, estão em contato com o livro e com a escrita.

Por último, continuando nesse contexto do livro e ampliando para o do mercado e do público, Aluísio Azevedo, por meio de algumas personagens de *Casa de pensão*, aproveita para fazer uma crítica à sociedade, que não valorizava devidamente o escritor. Muitos deles precisavam ter outra profissão para poder se sustentar.

Acha-se oportuno, neste momento, fazer um breve retrospecto para entender os mecanismos sociais que estão ligados ao mundo da imprensa, já que, com a sua descoberta, aperfeiçoa-se a tecnologia, e o livro passa a ser produzido em escala industrial. Acontece a transformação da literatura em mercadoria.

No Brasil, com a chegada da família real, havia a necessidade de divulgar a documentação oficial. Em decorrência disso, foi criada, em 1808, a Impressão Régia, que se mantém até 1821, quando a Nova Carta portuguesa “proíbe o monopólio do Estado no âmbito dos negócios tipográficos” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 53). Com a concessão de privilégios reais, as tipografias começaram lentamente a se expandir. No entanto, como apontam Marisa Lajolo e Regina Zilberman, posteriormente há a separação política da metrópole, que vira a página da história, mas não altera os hábitos culturais vigentes no Brasil.

As transformações, no decorrer dos anos, foram lentas, visto que a impressão de livros no país era cara, favorecendo a importação de livros estrangeiros. Também havia ausência de um público leitor, as bibliotecas eram pobres, as livrarias tinham poucas clientelas, em razão do baixo poder aquisitivo da população, e havia necessidade de se ter uma literatura mais autêntica, que abordasse, por exemplo, o tema nacional. Assim,

[...] sem legislação apropriada à produção dos bens culturais e sem poder contar com um público consolidado que impusesse preferências e orientações, os intelectuais do Ancien Régime brasileiro apresentavam visíveis dificuldades na hora de expor suas reivindicações (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p. 81).

Com a fundação da Academia Brasileira de Letras, aumentaram as publicações e a respeitabilidade do escritor. Contudo, ele continuava lutando por uma profissionalização e por leis que regulamentassem o seu trabalho e o reconhecessem. As dificuldades atravessaram os anos, tanto que Manuel Bandeira, Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade expuseram, em suas obras, a dificuldade de ser escritor, a falta de dinheiro e de reconhecimento profissional. A arte em geral ainda precisava ser legitimada e mais valorizada.

Com relação à literatura, havia necessidade de institucionalizá-la e enraizá-la na sociedade. É necessário entender a literatura escrita e publicada no Brasil aceitando “suas peculiaridades como resposta às tendências de nossa sociedade: como as condições para o artista criar são precárias, obrigando-o, de algum modo, a tomar uma atitude para ajudar a resolver, ainda que momentaneamente, o problema” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p. 11-12).

Cada artista, de algum modo, interiorizava os antagonismos sociais e os representava nas suas obras. Aluísio Azevedo vivenciou a fase de dificuldade de publicação e a falta de apoio à classe. Por isso, o autor denunciou, em *Casa de pensão*, a estrutura da sociedade burguesa da época, individualista e atrasada, uma vez que somente se importava com o dinheiro e com a posição social. A profissão era escolhida mediante um reconhecimento social, tanto que quem se dedicava às artes era visto como perseverante, que aparece na obra de Azevedo (1979, p. 29) pelas falas do pai de Amâncio: “Com efeito! Era preciso ter muita coragem, muito heroísmo, porque as tais belas-artes, no Brasil, nem sequer ofereciam posição social, nem davam sequer um titulozinho de doutor!”.

A ideia da personagem Vasconcelos, representante da elite rural, era a de que, com dinheiro, podia-se apreciar, aplaudir e pagar uma boa obra de arte: “O velho Vasconcelos nunca tomou a sério os artistas: ‘Uns pedaço-d’asno!’ [...] porque, meu amigo, isto de artes é uma cadelaagem! Procure meios de obter cobres, e o senhor terá à sua disposição os artistas que quiser” (AZEVEDO, 1979, p. 29). Nesse contexto, pode-se aludir à figura do mecenas, um homem rico e com desejo de ascensão social, que comprava o artista. Essa era a visão que a sociedade tinha do escritor, do pintor e do artista em geral. Azevedo pincelava, com tintas de melancolia e resignação, o painel da sociedade brasileira do século XIX, que não os entendia nem os valorizava.

Embutida nas ideias de Amâncio e do seu pai, que nunca levou a sério os artistas, o autor de *O cortiço*, de modo implícito e explícito, contribui para que o leitor de ontem e de hoje possa repensar sobre a importância do livro e do artista desde os tempos remotos até a contemporaneidade. Por meio da leitura de *Casa de pensão*, o leitor pode prestar o seu testemunho e atualizar a obra. De acordo com Iser (1996, p. 73), “[...] os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido na consciência receptiva do leitor”.

Assim, os problemas enfrentados pelas personagens são revividos pelo leitor, que, de modo subjetivo, pensa na sua realidade, além de se ver nas leituras feitas por Amâncio, Campos, Madame Brizard, Lúcia. As leituras realizadas por essas personagens de *Casa de pensão* podem fornecer caminhos de leituras e caminhos para entender a sociedade do século XIX e, até mesmo, a da atualidade, visto que os problemas são basicamente os mesmos: a sociedade contínua capitalista, dependente econômica e culturalmente, elitista, discriminatória e pouco letrada.

O acesso à escola de qualidade e à leitura continua sendo usufruído pela classe dominante. A sociedade sempre manteve como fio condutor a exclusão. Isso ocorre para que se perduza a dominação, restando para a massa a sensação de impotência e o rótulo de despolitizada. Na sociedade brasileira, as transformações culturais são homeopáticas, sem grandes rupturas, pois “o novo sempre surgiu como um desdobramento do velho” (MARTINS, 1994, p. 30).

Apesar disso, o livro e a leitura continuam sendo setas de caminhos para refletir sobre a sociedade, pois:

[...] num país em que a cultura duvida de sua nacionalidade e permanece pesquisando a sua identidade, uma política de leitura que torne o livro popular sem que este abdique de seu compromisso com o saber e a arte é fundamental, porque consiste na possibilidade de ruptura com a dependência (ZILBERMAN, 1988, p. 55).

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. O amor no casamento. In: ARIÈS, P.; BÉJIN, A. (Org.). *Sexualidades ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- AZEVEDO, A. *Casa de pensão*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1979.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1: antes do fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- CHAUÍ, M. *Sexo e imoralidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ESCARPIT, R. *Sociología de la literatura*. Barcelona: Oikos-tau, 1971.
- FERNANDES, F. *Brasil: em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: COSTA LIMA, L. (Org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.
- _____. A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção. Tradução Maria Angela Aguiar. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, mar. de 1999.
- JAUSS, H. R. *A literatura como provocação* (História da literatura como provocação literária). Tradução Teresa Cruz. Lisboa: Vega, 1993.
- LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *O preço da leitura: leis e números por detrás das letras*. São Paulo: Ática, 2001.
- _____. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- MARTINS, J. de S. Clientelismo e corrupção no Brasil contemporâneo. In: _____. *O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MENEZES, R. de. *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*. São Paulo: Martins, [s. d.].

ZILBERMAN, R. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

MEDEIROS, J. B. The reading paths in *Casa de pensão*, by Aluísio Azevedo. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 57-66, 2009.

Abstract: Casa de Pensão, by Aluísio Azevedo presents many characters who are readers. Amâncio lives at Madame Brizard's boarding house. There, he meets Amélia and Lúcia. In the work, a fraudulent, stingy, and corrupt society is represented. Amâncio encounters not only the characters and the readings of the 19th century, but also the social structure, whose main characteristic is to achieve power at any price.

Keywords: Reading; power; society.